

A CRÍTICA NIETZSCHIANA A MORAL CRISTÃ

Amanda Sobrinho Costa¹

Resumo: Em *Genealogia da Moral* (2017), Nietzsche elabora uma das críticas mais radicais à moral cristã, e aponta a necessidade de uma radical transvaloração de todos os valores. A pertinência de suas críticas e a força persuasiva de seus argumentos o tornam uma das opções teóricas consistentes disponíveis sobre este assunto, pois qualquer tentativa de esboçar uma compreensão sobre a situação em que se encontra a moralidade atual, em algum momento, terá que levar em consideração não apenas o diagnóstico nietzschiano sobre a condição moral que predomina desde a modernidade, mas a saída por ele apontada. Neste trabalho, focaremos nos elementos conceituais que compõem a crítica nietzschiana à moralidade cristã, tal como descrita em *Genealogia da Moral*.

Palavras-chaves: Nietzsche. Moral. Transvaloração.

THE NIETZSCHIANA CRITIQUE OF CHRISTIAN MORALS

Abstract : In *Genealogy of Morals* (2017), Nietzsche elaborates one of the most radical criticisms of Christian morality, and points out the need for a radical transvaluation of all values. The pertinence of his criticisms and the persuasive force of his arguments make him one of the consistent theoretical options available on this subject, since any attempt to sketch an understanding of the situation in which current morality finds itself will, at some point, have to take into account considering not only the Nietzschean diagnosis of the moral condition that has prevailed since modernity, but also the way out that he points out. In this work, we will focus on the conceptual elements that make up the Nietzschean critique of Christian morality, as described in *Genealogy of Morals*.

Key-words: Nietzsche. Moral. Transvaluation

Introdução

Friedrich Nietzsche (1844-1900) foi um dos primeiros filósofos a tematizar criticamente a condição moral moderna, identificando os possíveis equívocos deste projeto e apontando as consequências destes equívocos para a moralidade. Adotando o método genealógico, Nietzsche analisa a proveniência dos valores morais, visando a explicitar as transformações e deslocamentos que os mesmos sofreram até atingir o sentido atual. Toda essa conceitualização do ‘bom’ e do ‘mau’, originada na antítese da divisão das classes sociais, nasce, justamente, do pensamento de que o homem é um ser dominante. Sendo assim, a verdade histórica e filológica da humanidade se dava da

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Piauí – PPGFIL/UFPI
Fortaleza – Volume 14 – Número 25, Jul./ Dez. 2021

seguinte forma: Nietzsche constata que a designação dos nobres proviria sempre ou da constatação de sua posição superior ou de um traço típico de caráter: nos dois casos a designação provém de uma característica interna, do seu ser, de uma qualidade, e jamais de uma função ou utilidade externa. “Bom” estaria sempre associado ao nobre e senhor, e “ruim” estaria associado ao baixo e escravo. Sendo assim, o fundamento da tese de Nietzsche, está no fato de que as designações para *bom* cunhadas pelas mais diversas línguas são transformações conceituais, onde o homem nobre deveio do *bom* e o homem comum, em oposição ao nobre, deveio do ruim. Isso está inteiramente intrínseco em seus instintos. A moral assim é criação humana, um produto da história humana onde os homens são os verdadeiros criadores dos valores morais, sobretudo das religiões. Neste trabalho, será analisado a história da origem dos valores morais a partir da crítica que Nietzsche faz à condição moral moderna, tendo como norte o livro *Genealogia da moral*, apresentando a inversão de valores também chamada de transvaloração de valores e a origem dos sentimentos morais, a partir do antagonismo metafísico de duas classes: a dos senhores e a dos escravos. Com isso, apresentar as condições da criação dos juízos morais e a consequência da aplicação desses juízos para o desenvolvimento das sociedades.

O super-homem e a superação da moral

O projeto nietzschiano de transvaloração² se caracteriza justamente pela ruptura com a tradição naquilo que até então, ela tratou de elaborar dogmaticamente sob a égide de um valor supremo. Para Nietzsche, trata-se, a partir da suspeita de que todo valor é invenção humana, de projetar uma nova moral na qual os valores a ela pertencentes proporcionem uma alternativa afirmativa em relação ao mundo e à vida. Trata-se então de, a partir de sua experiência do super-homem encaminhar o povo para uma nova cultura. Sobre isso Nicolao Julião (2016) nos diz que:

O super-homem de Nietzsche significa tudo isso que os intérpretes dele falam; mas se trata, antes de qualquer coisa, como comprova o prólogo do AFZ, da superação do homem. Entretanto, não queremos dizer com isso que Nietzsche

² Todos os escritos posteriores a *Assim falou Zaratustra* (2011), lançado por Nietzsche em 1885 considerado período maduro de sua filosofia, são integrantes de um projeto marcado pela ideia da ‘transvaloração de todos os valores’, seria a substituição dos valores tradicionais, os valores cristãos, por uma nova forma de valorização centrada em viver a vida de forma intensa e plena. Para uma melhor contextualização do tema ver *Das forças cósmicas, aos valores morais* (2000) de Scarlett Marton.

tenha uma visão simplesmente negativa da cultura humana (*menschlichen Kultur*), quando propõe a sua superação com a ideia de super-homem. Se, em muitas passagens sobre os instrumentos da cultura e o mecanismo de disciplina e cultivo, especialmente apresentados nas obras genealógicas (PBM e GM), geram tal impressão, por outro lado, Nietzsche apresenta claramente o seu projeto filosófico como visando promover não somente a existência do super-homem, como atesta AFZ, mas, também, de outras formas de cultura mais elevadas, como apresentadas em outras obras, com outras designações, dando sentido histórico. Desse modo, constatamos o tema do “gênio”, sobretudo nos escritos de juventude, o tratamento do conceito de “espíritos livres”, mormente na fase intermediária, representando os temas do super-homem e “filósofos do futuro” nas obras de amadurecimento. Nietzsche está, com esses tipos, precisamente preocupado com formas de ensinamento que realmente tornem possível a exceção, o crescimento do espírito a partir de potencialidades individuais (JULIÃO, 2016, p. 85).

A necessidade de superação do homem, para Giacoia Jr (1992), ‘tem a ver com o problema da moral se subordina, em Nietzsche, ao problema da cultura, e só pode ser corretamente compreendido se tomado em relação com este’ (GIACOIA JR., 1992, p. 94). Ainda no texto de Giacoia Jr, ele vai nos dizer que, no período de escrita da Genealogia da Moral,

[...] a filosofia de Nietzsche assume seu caráter genealógico, voltando-se explicitamente para uma crítica aos valores fundamentais da cultura europeia; “cultura” entendida como um processo “civilizatório” indispensável para que se alcance o “reino da liberdade”, a cultura superior que permitirá a “elevação do tipo homem” (GIACOIA JR, 1992, p. 95).

Segundo Nietzsche, Zaratustra é o primeiro a encaminhar o homem para o sentido afirmativo de si e do mundo, uma vez que ele é o único capaz de toda destruição dos velhos ideais e de todo desprezo pelo último- homem. A morte de Deus³ significa que homem já não pode mais dar sentido à ideia de que o valor da vida é imposto à mesma por uma força exterior. Sobre isso Marton (1999) nos diz que:

Pregador de uma nova doutrina, o adivinho vem substituir o sentido, que a interpretação cristã do mundo havia dado à existência humana, pela total ausência de sentido. Difusor de uma nova crença, ele vem substituir o ideal ascético pelo "niilismo suicida": ". Com a falência do cristianismo, é como doutrina e crença que o niilismo se propaga. Paralisante, seu veneno atinge todos os domínios, até o do conhecimento. Niilistas são os contemplativos",

³Essa exclamação é uma das mais conhecidas frases de Nietzsche. A afirmação da morte de Deus é, figuradamente, a constatação do estado de coisas na Europa no final do século XIX a partir do Iluminismo. Ela provém de um parágrafo de *A gaia ciência* intitulado ‘O homem louco’ ou ‘O homem insensato’. Em sua outra obra *O Anticristo*, o embate com a religião, em especial o cristianismo, faz da expressão sobre o Deus morto tema recorrente em seus escritos posteriores. Mais tarde em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche retorna diversas vezes a esse tema. SCHMIDT, Rudiger, SPRECKELSEN, CORD. *Assim falava Zaratustra: uma chave de leitura*. Tradução de Diego Kosbiau Trevisan. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

que separam teoria e prática, que renunciam a criar valores, que abdicam de legislar. Em decorrência da morte de Deus, e da conseqüente supressão do solo a partir do qual os valores instituídos foram engendrados, o adivinho, esta figura do niilismo, instaura o vazio (MARTON, 1999, p. 136-137).

Para Fink, “o tema central da primeira parte do *Zaratustra* é a ‘morte de Deus’. Todos os discursos têm de ser encarados a partir do seu centro essencial, isto é, da morte de Deus” (FINK, 1983, p. 76). Com a morte de Deus, o ser humano não dispõe mais de uma garantia de sentido ou razão para sua existência, todas as suas referências foram abaixo, daí a necessidade de uma transvaloração de todos os valores. É necessário agora, que o homem tome as rédeas de seu destino e, para isso um novo tipo de homem precisa surgir. Essa será a tarefa de Zaratustra: ensinar o caminho para se chegar ao super-homem. A primeira coisa que Zaratustra diz à multidão presente no mercado é o anúncio desse ensinamento, o super-homem.

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?

Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem? (ZA, *Prólogo*, 03).

A ideia do super-homem como um ultrapassamento do último-homem, sugere que nós nos coloquemos como responsáveis por nossas vidas. Isso quer dizer que, agora que Deus morreu, todas as expectativas suprassensíveis foram abaixo, é necessário viver a vida na terra e para a terra sem esperança de compensação celeste. Além disso, Nietzsche nos ensina o super-homem como esperança terrena de plenitude do humano e mostra o último homem como forma degenerada do tipo homem que deve ser superada. A superação da cultura está associada ao projeto nietzschiano de “transvaloração de todos os valores”, tal como inicialmente trabalhado no *Zaratustra* e, posteriormente, exemplificado na *Genealogia da Moral*⁴. O super-homem e o último homem são colocados como alternativas para seus ouvintes. De acordo com o diagnóstico de Zaratustra, ainda há a possibilidade de escolha pelo último homem:

E Zaratustra falou assim ao povo:

‘É tempo de que o homem visualize um objetivo para si.

É tempo de que o homem plante a semente de sua mais alta esperança.

⁴ A obra *Genealogia da Moral* é uma crítica ao elemento de afirmação pelo qual se move o pensamento de Nietzsche. Apresenta um início diferenciado, que vai além de afirmar a perda de um referencial (Deus), mas que chega até a afirmação de uma diferença que se origina nas forças ativas e nas forças reativas.

Ainda é seu solo bastante rico. Mais um dia pobre e avaro será ele, e, nele, já não poderá crescer nenhuma árvore elevada.

Ah! Aproxima-se o tempo em que o homem não lançará mais a flecha de seu desejo acima dos homens, e em que as cordas de seu arco já não saberão mais vibrar.

Eu vos digo: é necessário ter um caos em si para poder dar à luz uma estrela bailarina. Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós (*ZA, Prólogo, 06*).

A partir dessas indicações, pode-se perceber que o engajamento do homem sobre si como é proposto por Nietzsche com o advento da morte de Deus, pode ser traduzido como um tornar-se si mesmo, um criar a si como libertação definitiva de toda determinação transcendente. O super-homem é o caminho para esse mergulho em si, abrindo espaço para a elevação que seu espírito necessita para transformar-se aquilo que se é.

Desse modo, o homem tem que superar tudo o que até então tem feito, para ser capaz de chegar a um ponto de vista para além do bem e do mal e, por conseguinte, tornar-se aquilo que é. Zaratustra introduz, assim, a imagem do super-homem, como se fosse uma espécie de bússola, para promover a reeducação das aspirações e dos pensamentos humanos sobre a intensificação da vida, o que capacita a humanidade a ganhar um senso de direção. Todavia, isso não deve ser compreendido como uma descrição da meta humana, o que seria impossível. O resultado dessa educação para vidas é a noção de humanidade superior (*Übermenschlichkeit*), alcançável através da superação (*JULIÃO, 2016, p. 89-90*).

A transvaloração como superação do niilismo consiste em estabelecer um conjunto de valores afirmadores que estarão a serviço do homem e de sua elevação (super-homem). Esses valores que não restringem, mas antes favorecem o homem, dizendo “sim” a vida e, a todas as possibilidades relativas ao homem. E este dizer sim ao homem implica em

“uma aceitação plena e incondicional do mundo como ele é, sem a busca de um ‘mundo verdadeiro’, que sirva para corrigir o momento presente, ou de um instante futuro que o compense” (*PASCHOAL, 2009, p. 169*).

A dinâmica da superação na filosofia de Nietzsche tem como seu escopo principal a libertação do homem do grande cansaço de existir. Trata-se, por tanto, de indicar o projeto de transvaloração como um projeto de redenção do homem, o encaminhando para o super-homem, como ensina Zaratustra a partir de sua experiência de superação.

O procedimento genealógico e superação da moral

Como vimos na seção anterior, é importante compreendermos o processo de superação no Zarathustra de Nietzsche para analisarmos o projeto de *transvaloração dos valores* na *Genealogia da Moral*. Nesse sentido, buscamos apresentar algumas indicações nas duas obras, que mesmo com estilos diferentes marcam o período de elaboração do projeto nietzschiano de transvaloração dos valores a partir da superação do niilismo. Faremos agora uma exposição breve sobre a Genealogia da moral e como se deu o procedimento genealógico, e a crítica de Nietzsche a moral cristã.

A obra *Genealogia da moral* é composta de três ensaios ou três dissertações que formam um conjunto coeso e são guiados por um mesmo projeto, qual seja, a ideia de *transvaloração de todos os valores*. Em seu aspecto crítico, um dos conceitos que age como unificador destes três ensaios é o ressentimento: ele está na base da valoração reativa que origina a “revolta dos escravos na moral” (Primeira Dissertação), assim como da “má consciência” (Segunda Dissertação), a qual por sua vez é transformadora em consciência de culpa, em “pecado”, e assim continuamente explorado pelo sacerdote ascético (Terceira Dissertação).

Para Scarlet Marton (1993), é através do procedimento genealógico, que Nietzsche utiliza-se da história para compreender o comportamento humano, realizando uma crítica dos valores pautada no duplo caráter destes:

os valores supõem avaliações, que lhes dão origem e conferem valor; as avaliações, por sua vez, ao criá-los, supõem valores a partir dos quais avaliam. O procedimento genealógico comporta, assim, dois movimentos inseparáveis: de um lado, relacionar os valores com avaliações e, de outro, relacionar as avaliações com valores (MARTON, 1993, p. 61).

Como filólogo de formação, Nietzsche avalia o valor moral aprofunda-se, justamente, no estudo da palavra *bom* e, conseqüentemente, da palavra *mau*. A primeira dissertação é então, dedicada a esclarecer as ideias que deram origem ao que é considerado “*Bom e mau*”, “*bom e ruim*”. Nietzsche inicia a caracterização dos elementos que compõem esse título por um exercício de interpretação histórica das transformações desses conceitos e da análise etimológica dos termos que dão corpo a estes: “Enunciemo-la, esta nova exigência: necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor destes valores deverá ser colocado em questão – para isso é necessário um conhecimento

das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram.” (NIETZSCHE, 2017, p. 12).

Segundo nosso autor, o fundamento de sua tese está no fato de que as designações para *bom* cunhadas pelas mais diversas línguas são transformações conceituais, onde o homem nobre deveio do bom e o homem comum, em oposição ao nobre, deveio do ruim. Sobre isso escreveu ele:

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para “bom” cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual (NIETZSCHE, 2017 p. 18).

Este capítulo trata ainda da psicologia do cristianismo. Nele Nietzsche discute a origem dos sentimentos morais a partir do antagonismo metafísico de duas classes: a dos senhores e a dos escravos. Com isso, ele deseja entender as condições da criação dos juízos morais e a consequência da aplicação desses juízos para o desenvolvimento das sociedades. Sobre a moral dos escravos escreveu Nietzsche:

Mas que quer com ideais mais nobres! Sujeitemo-nos aos fatos: o povo venceu – ou os “escravos”, ou “a plebe”, ou o “rebanho”, ou como quiser chama-lo – se isso aconteceu graças aos judeus, muito bem! Jamais um povo teve missão maior na história universal. (NIETZSCHE, 2017, p. 25).

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores:

O ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu”- e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento.” (NIETZSCHE, 2017, p. 26)

Com todo esse estudo Nietzsche analisa, investiga e nos apresenta a partir de sua obra uma inversão de valores também chamada de transvaloração de valores. Durante muito tempo essas duas morais conviveram na história da humanidade. Porém, existiu um certo momento a partir do Judaísmo e do Cristianismo, onde a revolta dos escravos (a revolta da moral dos escravos) acabou se consolidando como a única moral, deixando de lado a moral dos senhores. “Os senhores foram abolidos; a moral do homem comum venceu” (NIETZSCHE, 2017, p. 9).

Nietzsche destaca então que, com o Cristianismo e com o Judaísmo houve a vitória da moral dos escravos sob a moral dos senhores. Com a consolidação de uma única moral há então essa transvaloração dos valores, onde por exemplo o *bom* passa a ser o pobre e o miserável. “Mas que quer com ideais mais nobres! Sujeitemo-nos aos fatos: o povo venceu – ou os “escravos”, ou “a plebe”, ou o “rebanho”, ou como quiser chama-lo – se isso aconteceu graças aos judeus, muito bem! Jamais um povo teve missão maior na história universal.” (NIETSCHE, 2017, p. 25).

Já a segunda dissertação do livro irá tratar da” *Má consciência e da culpa*” Nietzsche nos apresenta neste capítulo a psicologia da consciência moral. Nele, Nietzsche nos abre os olhos para muitos aspectos que nós deixamos de lado devido a nossa moralidade, a moralidade que seguimos, a moralidade que estamos inseridos: “Nesta esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: “culpa”, “consciência”, “dever”, “sacralidade do dever” – o seu início como tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue”. (NIETZSCHE, 2017, p. 50)

O terceiro e último capítulo da obra, intitulado “O que significam ideais ascéticos” trata da psicologia do sacerdote. Neste capítulo Nietzsche investiga várias figuras humanas como por exemplo o sacerdote e o filósofo, e relaciona essas figuras com os ideais ascéticos tentando entender este ideal a partir de cada figura. Para Nietzsche os ideais ascéticos não significam a busca do vazio e do nada, é justamente um horror a esse vazio. Os ideais ascéticos são o resultado do niilismo absoluto de nosso tempo. É aqui onde a crítica nietzschiana atinge seu ponto máximo, os valores ascéticos são a conclusão, o desfecho, o produto final do ressentimento e da má consciência. Todos os ideais da história de acordo com Nietzsche eram ascéticos. Existe para ele uma íntima relação entre vontade e ideal ascético, quando o homem se eleva da sujeição animal quando ele está acima dos instintos ele acaba agindo a partir da vontade. O ideal ascético tem uma importância positiva, pois esse ideal acaba criando um abismo e sobre esse abismo a vontade procura lançar uma ponte entre ele próprio e o super-homem.

A partir do método genealógico, Nietzsche avalia os valores que fundamentam a moral de sua época através de um novo parâmetro: a afirmação da vida. Rompendo com uma moral cerceadora de toda criatividade, permitindo-se enxergar através de novas

perspectivas, e apresentando ao homem a possibilidade de não mais se renegar, mas aceitar e amar a si mesmo e a vida.

A transvaloração que se torna possível e necessária agora é uma ruptura com essa anterior, uma nova forma de interpretar a moral que se torna possível quando uma nova vontade de poder se assenhora desse jogo de forças impondo novas formas e significados neste campo (PASCHOAL, 2009, p. 169).

Uma transvaloração capaz de romper com o niilismo seria aquela que nos libertasse da necessidade de recursos externos para afirmar a vida. Ao final do processo de autossupressão da verdade e da moral, o niilismo de nossa cultura torna-se explícito: é o momento de transvalorá-lo, devolvendo “a terra sua finalidade e ao homem sua esperança” (NIETZSCHE, 2017, p. 85).

Considerações finais

Nietzsche utilizou-se do método genealógico de interpretação para desvendar os diversos valores e sentidos em disputa nas concepções morais. O projeto de transvaloração nietzschiano, pode ser compreendido desde *O Nascimento da tragédia*, com a sobreposição do emento dionisíaco ao apolíneo. No *Zaratustra*, esse projeto é caracterizado com a elevação do super-homem em contraposição ao o que Nietzsche chamou de último-homem. Pode-se então dizer que no livro *Genealogia da moral*, Nietzsche nos apresenta a história e a origem dos valores morais, e justamente a partir de uma inversão de valores ou seja de uma transvaloração que se deu a partir da consolidação da moral dos escravos é que surgiu a culpa e a má consciência que é uma interiorização dos instintos reprimidos e justamente pelo ressentimento é que existiu uma destruição dos valores vitais e uma defesa da moral ascética dos fracos. A conclusão de Nietzsche é a de que não existem valores, noções absolutas de bem e mal. Os valores e todas as noções morais são artificiais, são criadas pelo homem a partir de suas necessidades. A moral assim é criação humana, um produto da história humana onde os homens são os verdadeiros criadores dos valores morais, sobretudo das religiões. Podemos afirmar, portanto, que segundo a filosofia de Nietzsche não existem valores absolutos, não existem uma ética ou moral universal eterna e absoluta.

Referências

- FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- GIACOIA JR. Oswaldo. *Nietzsche: filósofo da cultura*. In.: Um passado revisitado: 80 anos do curso de filosofia da PUC-SP. São Paulo: EDUC, 1992, p. 93-104.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- _____, Scarlett. *A morte de Deus e a transvaloração de todos os valores*: HYPNOLANO 4/ NO 5.2º SEM. 1999. São Paulo.
- _____, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e o mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *A vontade de poder*. Tradução original do alemão e notas Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes; apresentação Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. *Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução: Mário da Silva. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- PASCHOAL, A. E. *Nietzsche e a Auto-Superação da Moral*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.
- SCHMIDT, Rudiger. *Assim Falava Zarathustra: Uma chave de leitura*/ Rudiger Schmidt, Cord Spreckelse; Tradução: Diego Kosbiau Trevisan. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2017. – (Coleção Chaves de Leitura).